

# BACH: VARIAÇÕES GOLDBERG

**Luci Ruas\***

Música, sim. Sempre. Um compositor: sem dúvida, Bach.

Assisto à execução das *Variações Goldberg* BWV 988 (1740) e, enquanto as mãos hábeis do intérprete percorrem o duplo teclado do cravo, lembro que devemos essa obra extraordinária a um pedido do conde Hermann Karl von Keyserling, que expressou o desejo de ter algumas peças que o consolassem dos males da insônia (Era nessas ocasiões que Goldberg, o brilhante discípulo de Bach, tinha que passar a noite na antecâmara para tocar para o Conde.). Bach escreveu a longa peça, de difícil execução, composta de uma ária inicial, em que se apresenta o tema da composição, seguida de trinta variações e finalizada pela repetição da mesma ária. Mas que eram as dificuldades da composição diante da genialidade de seu autor e da maestria do intérprete?

Coube a Jorge de Sena trazer à literatura portuguesa e ao público leitor e amador de poesia as *Variações Goldberg*, em seu livro *Arte de Música*, vindo a lume em 1968, cujo motivo são obras musicais de inúmeros compositores de várias épocas. Sena era poeta e crítico, conhecedor de literatura e de música. E sempre soube que não é possível explicar em palavras a música. Soube, todavia, e com maestria, fazer da música motivo para seus poemas, seu ponto de partida. Como soube criar, em cada um deles, um espaço de reflexão sobre si mesmo e sobre o homem, em suas relações nem sempre pacíficas com os outros homens e com o mundo.

Sempre inquieto, Jorge de Sena demonstra essa inquietação logo ao primeiro verso do poema: “A música é só música, eu sei.” Este é tema. O aparente fechamento que a frase comporta se reafirma na categórica afirmação – “eu sei” – que, para mais, implica a impossibilidade de falar da música sem fazê-la menor que ela mesma. Ainda que a aproxime da

descrição de um quadro, feito de cores, formas e volumes, é como se não o tivesse visto uma única vez. Ver, apenas ver, guardando para si o silêncio.

Todavia, o ponto de partida do poeta implica o seu imediato contraponto, ao afirmar que o silêncio não perdura mais que alguns minutos, porque se faz prenúncio. A partir daí, o poema se desdobra em versos que o ritmo anafórico faz dobrar sobre si mesmos, em angustiante frequência de condicionais, ampliando a reflexão para um espaço discursivo cada vez mais problematizador da arquitetura da própria música, em que os sons podem ser o produto de uma inteligência que busca uma infinita possibilidade de combinações; a “variada imagem”, ainda que ideia “despojada de sentido”, produto de uma organização; a própria “liberdade dos acasos lógicos” que reconhecidamente se fazem necessários; a repercussão de tudo em “cânones cada vez mais complexos”; a acumulação de tudo como “pedras esculpidas” em “volutas brancas e douradas”, invenção que se efetiva ao bater-se nas teclas “em cascatas de ordem” – o intérprete bem o sabe – produzindo sucessivas metáforas que vão compondo um edifício barroco, edifício musical.

Toda essa sequência de condicionais se fecha na probabilidade (portanto não se fecha) de que tudo o que existiu na música contribui para o seu triunfo, “de que descende tudo o que de arquitetura/ possa existir em notas sem sentido”. Todavia, “a música é só música”. E falar dela será já falar de outra coisa. De tudo o que as formas condicionais acumulam, até explodirem na interrogação sem ponto visível, oração principal que sacode a não-segura construção, para abri-la em nova dobra, a duvidar de que toda “essa grandeza imensa” não se comova com “íntimos segredos”. Cabe à metáfora, recurso poético, tornar visível uma “cúpula de som” e nela integrar o humano em sua capacidade de superar os próprios limites, ainda que seja sensível ao tempo e à finitude.

Se é possível pensar que as *Variações* de Bach permitem um fechamento, o poema de Jorge de Sena o desmente. Nada do que se propõe como tema

inicial se repete. Nem nós, nem a música, nada escapa ao tempo, seja o tempo da vida, seja o tempo do compasso. Mas não é porque o tempo passe. Mesmo a categórica afirmativa inicial, primeiro verso do poema, passa por profunda metamorfose: “o virtual do pensamento” faz-se evidência, tal como o quadro que permite ver, já não mais em silêncio, cores, formas, volumes. O virtual faz-se concreto. E o que era apenas música redimensiona-se, adquire profundo valor existencial: não somos quem ouve, mas *quem é*, obra permanentemente inacabada, seres em movimento. E a linguagem, que poderia ser essencialmente racional, nega essa plena racionalidade. Diz não à “transparência definitiva da iluminação”, que aponta para o contraste entre a totalidade sublime da música e a incompletude deficiente do mundo: somos o presente de um momento fugidio.

---

\* Professora Associada da Faculdade de Letras da UFRJ, onde é membro efetivo do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas e membro da comissão do mesmo Programa. Regente da Cátedra Jorge de Sena. Editora da revista *Metamorfozes*.